

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 49

Data: 10/82

Pg.: 16

# A arapuca do financiamento

**U**ma nova e mais sutil tentativa de "emancipar" os Terena, no Mato Grosso do Sul, foi empreendida pela Funai este mês de setembro. Desta vez, o instrumento é o financiamento agrícola que a Funai está oferecendo, por

meio do Banco do Brasil, para algumas famílias da aldeia de Cachoeirinha, situada no município de Miranda (MS). A Equipe de Pastoral Indigenista local enviou para o PORANTIM um relato sobre o caso, chamando a atenção para o objetivo da Funai de desagregar o povo Terena, median-

te a "implantação e incremento, nas aldeias, do modo de produção capitalista". Não se sabe se esta é uma "experiência-piloto" da Funai, ou se os índios de outras aldeias também estão sendo empurrados para a arapuca dos financiamentos. O relato dos missionários no Mato Grosso do Sul:



Terena: pendurados no Banco, descem mais um degrau para se equiparar ao lavrador "branco" espoliado

**C**atorze famílias da aldeia de Cachoeirinha, em Miranda (MS), foram selecionadas pela Funai para receber um financiamento do Banco do Brasil para

plântio de arroz e milho, no período de setembro/82 a agosto/83. Com juros de 45% ao ano e vencimento em 31 de agosto de 1983, o Banco do Brasil libera, em três parcelas de 50%, 30% e 20%, o

total de Cr\$ 39 mil por hectare: a ser plantado.

"A operação de financiamento transcorre em total segredo, apresentada e discutida somente no grupo fechado dos escolhidos. Tal atitude da Funai e de alguns líderes da aldeia alvoroçou a comunidade, pois ninguém sabe o que vem ocorrendo. Urge que algumas questões sejam levantadas e denunciadas:

"Sabe-se que a Funai se fará presente na assinatura do contrato e o Banco informa que caberá a ela a orientação técnica. Não se sabe que outros compromissos são assumidos pela Funai e pelos índios. Muitos se perguntam se não estariam sendo empenhadas as terras, como garantia do empréstimo.

"Em reunião com os índios escolhidos para o financiamento, a Funai deixou claro que estes não teriam mais direito à assistência da Funai. Não seriam, então, os financiamentos uma nova tentativa de forçar a "emancipação"

agora por outros meios mais sutis? Quem sobrevivesse a um financiamento, certamente estaria, para o órgão tutelar, apto a emancipar-se.

"Outro aspecto a ser levantado é o caráter individual do financiamento. Até agora, bem ou mal, a assistência da Funai para lavouras condicionava, praticamente, o trabalho em grupos. Já o financiamento do Banco rompe necessariamente com esta tradição, impondo e forçando o trabalho individual, por famílias. Se alguém sobreviver e tiver sorte, amanhã ou depois, ampliará a produção e empregará em maior escala seus patricios como mão-de-obra assalariada. Este talvez seja de imediato o lado mais funesto dos financiamentos: a implantação e incremento, nas aldeias, do modo de produção capitalista. Aliás, o caráter individual do crédito por si só prevê e obriga, desde já, a contratação de mão-de-obra assalariada, de terceiros.

"A lógica da política indigenis-

ta de retirar a assistência e empurrar os índios para a sua definitiva "integração" também fica clara. Aos poucos, as comunidades têm que aprender a se virar e sobreviver no sistema do branco, sem assistência da Funai. Estes que aceitarem o financiamento estarão atrelados ao Banco e entrarão no corredor da emancipação.

"Outro aspecto, ainda, é a inviabilidade econômica dos financiamentos (crédito agrícola) para os pequenos produtores. A regra geral é o crescente endividamento com o Banco e a proletarianização definitiva. A Funai, inclusive, já alertou aos índios: "Quem não tiver condições de pagar, que se vi-re, vá trabalhar na fazenda, até pagar..."

"Os índios que já conhecem as artimanhas da Funai percebem que os financiamentos do Banco são uma nova investida contra as comunidades, com o fim de dividi-las e prepará-las para a "emancipação". É urgente que isso seja discutido e denunciado".